



Linguagem simbólica: caminho para um maior protagonismo dos cristãos

*Denilson Mariano da Silva**

Resumo

Os pobres possuem uma cultura própria e seu próprio modo de crer. Movem-se a partir de um universo de compreensão mais simbólico, no qual tem menor incidência o pensamento lógico-dedutivo. Quanto maior o acesso a esse universo simbólico, maiores as possibilidades para a evangelização. Seguindo as intuições e provocações de Victor Codina, que muito tem trabalhado a questão da teologia e da linguagem simbólicas, procuramos, a partir de um exemplo pontual, identificar o que vem a ser essa linguagem, elencar as suas potencialidades, buscar pistas para uma maior aplicação desta linguagem em função de um maior protagonismo dos cristãos.

Palavras-chave: Protagonismo, Linguagem simbólica, Inculturação

Introdução

Buscamos captar a importância da linguagem simbólica para o avanço da evangelização no contexto de uma “Igreja em saída”.¹ Para isso realizamos uma aproximação entre o uso de um elemento simbólico na prática pastoral, seguido de uma reflexão teológica sobre o símbolo. A prática pastoral é nos vem do trabalho de evangelização realizado por João da Silva Resende, religioso e educador popular integrante o Movimento da Boa Nova.² A abordagem teológica da linguagem simbólica se apoia nos escritos de Victor Codina, teólogo Catalão radicado na Bolívia.

Esta aproximação nos permitirá uma maior valorização da linguagem simbólica na prática catequética e pastoral. Ela nos conduzirá à explicitação da razão simbólica que favorece uma abertura maior para a inculturação da Palavra de Deus na vida do povo em nossas comunidades cristãs. Enfim abre caminho para uma Igreja na qual os pobres sejam verdadeiros protagonistas da evangelização.

* Doutorando em Teologia – FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – BH - Bolsista CAPES

¹ “A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam* – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. *1 Jo 4, 10*), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos.” (EG nº 24).

² João Resende é Missionário Sacramentino de Nossa Senhora, integrante do Movimento da Boa Nova, com sede em Dom Cavati-MG. Ele, desde os anos 70 trabalha com formação e animação de comunidades. A cada ano produz um pequeno estudo bíblico em geral relacionado com a Campanha da Fraternidade. Tem uma grande sensibilidade pastoral e faz uso abundante de símbolos e comparações em seus cursos e encontros de formação



A Força da linguagem simbólica

A linguagem simbólica é recorrente nas Escrituras Sagradas. Além de mais acessível aos pobres, ela permite sempre novas aplicações, novas leituras, e novas compreensões diante de novos contextos e realidades. Uma forma de linguagem que não se esgota e que, por meio dela, tudo ao nosso redor pode se converter em material didático-catequético-litúrgico-pastoral, a serviço de um efetivo protagonismo dos cristãos. Esta linguagem revela-se como um caminho para a inculturação do Evangelho na vida do povo.

A linguagem simbólica não é algo meramente ilustrativo, ou uma forma dinâmica de simples transmissão de conteúdo. Trata-se de um meio, um “veículo” que nos permite penetrar no universo de compreensão dos pobres de uma forma mais profunda. Lugar no qual as sementes de um protagonismo consciente e responsável pode encontrar um terreno propício para desenvolver-se.

Em um sentido mais amplo, toda linguagem é simbólica, ou seja, utiliza de símbolos e sinais para a comunicação. Aqui queremos nos deter ao uso de parábolas, comparações, alegorias, símbolos que permeiam a vida povo, que já fazem parte de seu universo cultural e, por isso, constituem terreno fecundo para a evangelização. Pois, o símbolo é um elemento constitutivo da própria natureza humana:

Dado que o ser humano é um *homo symbolicus*, todas as suas atividades implicam o simbolismo. A religião mais ainda é o cenário privilegiado do jogo simbólico. Sem símbolo não existe religião, e sem religião ficaria amputado um enorme espaço do símbolo. Símbolo e religião se abraçam mutuamente. (MARDONES, 2003, p. 92)

No entanto, a definição do que é o símbolo escapa aos esquemas conceituais, pois nele, a imagem é o polo mais forte e as descrições e tentativas de definição que dele se fazem são aproximações que não lhe esgotam o sentido. O símbolo não se deixa aprisionar, guarda sempre uma reserva de sentido, por isso, “O mistério só se pode expressar de forma simbólica. O símbolo é, pois, a única forma de expressar as realidades mais profundas da existência humana, de comunicá-las socialmente e de entrar em comunhão com elas.” (CODINA, 1986, p. 151).

Tomemos como ponto de partida um exemplo, um elemento simbólico aurido da natureza com o qual se procura aprofundar o sentido de um texto bíblico para que sirva de luz a uma comunidade cristã. Em um roteiro de estudo bíblico, destinado ao povo das comunidades eclesiais de base da Diocese de Caratinga-MG, a trajetória de Abraão é estudada



a partir de uma série de “parábolas” que são entremeadas com texto bíblico e a vida da comunidade. Eis a “parábola” da rama de abóbora:

O pé de abóbora nasce nos monturos de casas desmanchadas, nas covas esterçadas pelo lixo. Sua rama anda rasteira pelo chão, vai fincando suas garras no chão e se espalhando pelo quintal. Com o tempo vai abafando a imundície. Seus frutos vão aparecendo de surpresa debaixo das folhas. (...) Depois de formar o abobreiro (sic), mesmo se seu pé for cortado, ele não morre. Fica a “soca” que ainda produz abóbora. A rama de abóbora sai do controle de quem a plantou. (...)

A história de Abraão e Sara se parece com a rama de abóbora. É um casal frágil, velho, impossibilitado de gerar. No início encara com gozação o projeto de Deus. Para eles era totalmente impossível nascer deles dois um povo. (...)

Abraão e Sara, como rama de abóbora, vão caminhando e firmando as garras no chão da vida. (...) Vão atravessando as fronteiras e formando o povo de Deus na escola da vida. (MEDC, 1993, p. 23-24)

A explicitação da caminhada de Abraão acontece tendo como referencial um símbolo: a rama de abóbora. O efeito que se produz não se restringe apenas a uma melhor compreensão do texto bíblico. Este símbolo, por ser constitutivo da realidade da vida de uma pessoa ou comunidade, estabelece uma espécie de vínculo existencial. O símbolo, no caso aqui, a parábola da rama de abóbora (a), estabelece um vínculo que permite uma maior identificação entre a experiência de vida da pessoa (b) com a experiência de Abraão (c). O símbolo (Syn+ballein = laçar com, reunir³) permite uma maior aproximação entre estas duas experiências de vida tão distantes no tempo e no espaço. Favorece uma maior aproximação entre os interlocutores e o texto sagrado. Esta proximidade, favorecida pelo símbolo, confere aos interlocutores um senso de maior liberdade e autonomia que os conduz a novas descobertas e novas aplicações no entrelaçamento entre o símbolo (a), a vida da comunidade (b), e o texto bíblico (c). Nas palavras de Víctor Codina: “O símbolo não se opõe ao real, como alguns pensam, mas condensa a realidade de modo que possa ser melhor captada.” (CODINA, 2017, P. 148).

João Resende, em seus estudos bíblicos, desenvolveu grande sensibilidade no uso dos símbolos. Por meio da escuta atenta às pessoas simples, através da observação dos elementos da natureza e dos acontecimentos do cotidiano da vida, ele é capaz de captar comparações e parábolas que lhe abrem os horizontes para a evangelização. E isto de uma forma alegre, dinâmica com uma participação ativa, verdadeira interação, com os membros da comunidade,

³ Primitivamente, símbolo era um objeto quebrado em duas partes do qual as pessoas conservavam, cada um a sua metade. Estas duas partes unidas serviam para lembrar aos portadores seu compromisso ou sua dívida.



ou com o grupo com o qual está refletindo. Ele se refere a este processo como uma “linguagem popular”, no caso, simbólica e assim demonstra a sua importância:

A linguagem popular é uma forma alegre, participativa, de se perceber uma mensagem. Ela não faz saber, mas faz descobrir. Isto acontece porque ela se expressa através de símbolos e comparações conhecidos dos interlocutores, deixa-os à vontade, num relacionamento horizontal, onde sente-se o conhecimento como patrimônio de todos e que deve ser partilhado por todos. (RESENDE, 1997, p. 35).

Além do traço da espontaneidade, do “sentir-se à vontade”, destaca-se a horizontalidade no relacionamento que favorece a uma atitude ativa, de maior protagonismo dos interlocutores. Mais que transmitir um conteúdo o “fazer saber”, desperta para uma atitude mais ativa: “fazer descobrir”. Leva a um envolvimento de todos no processo de reflexão da vida à luz da Palavra de Deus. Na leitura popular da Bíblia explicitada por Carlos Mesters, o tripé: Texto (Bíblia) – Contexto (comunidade) – Pré-texto (realidade), são elementos que se interagem e favorecem a escuta da Palavra de Deus (cf. MESTERS, 1982, p. 299). A linguagem simbólica, não foge a esta dinâmica, nela permanece a interação entre os três elementos. O símbolo faz parte do pré-texto da realidade. Ele exerce a função de mediador da comunhão entre o texto bíblico e os interlocutores, ou seja, a comunidade. O símbolo permite novas explicitações com uma densidade maior de sentido. Ele torna o texto ainda mais interpelativo e faz com que a Palavra de Deus penetre mais profundamente no chão da cultura, terreno fecundo para fazer nascer algo novo. Isto é confirmado também pelo Pe. Libânio: “A linguagem mais própria da fé, da teologia, é a simbólica, metafórica, narrativa.” (LIBÂNIO, 2003, p. 196).

Na busca de explicitar a força do simbólico na interpretação da bíblia no meio do povo, recorreremos aqui ao que Víctor Codina chama de “razão simbólica”, a qual ele aponta como caminho para o diálogo com a modernidade e afirmação da própria cultura.

A Razão Simbólica

Codina afirma que a razão moderna ilustrada, seja em seu viés marxista ou em sua face capitalista, deixa pouco espaço para o cultural. Por isso, a América Latina, os povos do Sul, ficam “condenados a ser um mero apêndice da modernidade do Norte e mutila sua riqueza humana e cultural, sua própria identidade” (CODINA, 1994, p. 177). Isto obriga a buscar uma nova razão que ele denomina “simbólica”, a razão que tem predomínio no Terceiro Mundo, nos povos indígenas e no Oriente. Apesar da dificuldade de defini-la por



fazer parte do âmbito supralógico, do cordial, imaginativo, vital, mítico e poético e entrelaçar as raízes mais profundas do ser humano e do povo, ele, por aproximação, a descreve:

Trata-se de uma atitude para captar sapiencialmente o último e o definitivo da vida, o ser e o estar, frente ao ter ou parecer. Possui uma dimensão de integralidade e totalidade holística que supera toda dicotomia entre corpo e espírito, sujeito e comunidade, passado e presente, história e futuro. [...] Descobre na realidade um plus de sentido que vai além do realismo chato ou quantitativo, sem cair em idealismos desligados da vida. A realidade está grávida de sentido; seu realismo é mágico e surpreendente. (CODINA, 1994, p. 177).

O símbolo permite descobrir na realidade um sentido maior, mais profundo. Por já estar presente no imaginário, na alma, no coração do povo, cria uma maior aproximação e gera uma espécie de conaturalidade, um “plus” que enlaça a vida da comunidade com a experiência narrada na Palavra de Deus. Isto gera no povo um “sentir-se em casa” diante da Palavra de Deus, desperta uma participação mais ativa e mais espontânea, gera uma autonomia diante do texto no qual ele, naturalmente se faz intérprete da Palavra. O símbolo permite que ele reconheça a sua experiência de vida no espelho da experiência narrada na bíblia, com uma densidade maior de sentido. O que pode ser confirmado com no relato de João Resende:

O protagonista da linguagem popular é o próprio povo. A missão do educador popular é descobrir, na cultura do povo, os símbolos e comparações que melhor ajudam a entender e analisar a realidade. Desta maneira, aos poucos, as pessoas vão se sentindo à vontade para participar. Vão se envolvendo, questionando e questionando-se. Vão se libertando dos chavões e ideias pré-fabricadas, deixando de ser passivas, fatalistas, individualistas, passando a fazer a sua história, abrindo-se aos valores solidários. (RESENDE, 1997, p. 35).

A razão simbólica permite uma maior aproximação com o universo de compreensão dos mais simples, abre caminho para o encontro com as culturas originárias e com o mundo dos pobres. Ela brota do cotidiano da vida, das situações vividas, das lutas enfrentadas, dos exemplos da natureza, da fé celebrada, com seus ritos e símbolos. Por isso, favorece relações de maior proximidade, mais personalizadas, mais fraternas, que respeita o outro, resgata a sua identidade e valoriza sua contribuição. O centro da atenção está na vida, na realidade sagrada que se defende, se celebra e se transmite, de modo especial na vida dos pobres (cf. CODINA, 1994, p. 187).

Codina afirma que o “símbolo se realiza, ordinariamente, através do mito e do rito”. O mito é “o símbolo distendido em forma de relato” e o rito é “a modelação em gesto do mito, sua dramatização e atualização festiva”. (CODINA, 1986, p.152). Neste sentido, isso se aplica à parábola acima (“rama de abóbora”). A descrição da dinâmica da “rama de abóbora”



expressa-se como mito, ou seja, é o símbolo em forma de relato. Porém, ela só ganha vida, só se atualiza quando retomada juntamente com uma pessoa, um grupo, uma comunidade concreta. Aí se dá a sua atualização: o rito. Assim, ela ganha esse “plus” de sentido no momento em que é ritualizada, no encontro mesmo da experiência concreta da vida com a Palavra de Deus que se unem mais intimamente por força do símbolo (parábola). “[O] símbolo não aparece como algo puramente estático, mas como uma ação (actio), uma práxis, uma forma de viver a vida, libertando-a de todo inautêntico e opressor, e penetrando em seu núcleo mais profundo.” (CODINA, 1986, p.152). Isto pode ser visualizado no desdobramento que se estabelece no relato abaixo que une o símbolo (a) (parábola), a experiência de comunidade (b) com a Palavra de Deus (c):

Assim como o pé de abóbora esta sempre agarrado no chão, assim também as nossas comunidades não podem perder o contato com a realidade da vida. Senão vira comodidade. Temos que estar sempre atentos aos “monturos” e aos “lixos” da comunidade. São fontes de vida. É ali que está encubada a vida capaz de enfrentar os promotores da morte. [...] Como a rama de abóbora, temos que ir além das fronteiras de nossas comunidades. Somos os protagonistas da NOVA EVANGELIZAÇÃO. [...]

A Bíblia está cheia de exemplos, onde vemos surgir grandes animadores do povo brotando dos montes de lixo. (MEDC, 1993, p. 24-25).

Em sintonia com Codina que constata a existência e exigência desta razão simbólica como a lógica que está em ação na América Latina⁴, vemos nela o caminho para a inculturação da Palavra de Deus na vida do povo e para uma Igreja *dos* pobres e, não apenas *para* os pobres.

A Inculturação da Palavra

Em termos de cultura e inculturação, Codina, seguindo Diego Irarrázaval, aponta três posturas teológicas na América Latina: 1. A *neocristandade* pela qual a Igreja deve assumir o protagonismo cultural da sociedade secular hoje. Que a fé e o amor impregne todas as estruturas sociais como figurou a proposta da “Evangelização 2000”, “Lumen 2000” alavancada pela ação dos movimentos internacionais; 2. A *Pastoral inculturada* que propõe adaptar a fé às diversas culturas através da pastoral da juventude, catequese, educação e família; 3. A Comunidade inculturadora que acolhe a mensagem em seu meio, gera um modo peculiar de ser cristão a partir da própria cultura. Todas estas propostas encontram respaldos

⁴ Víctor Codina aponta a necessidade de se prosseguir com as análises da realidade social, porém essa mediação sócio-analítica é ainda insuficiente e precisa ser integrada em uma visão mais global, dentro da razão simbólica que necessariamente passa pela cultura dos pobres: “Concretamente, não se parte da cultura moderna, senão das culturas oprimidas dos pobres, das culturas originárias.” (CODINA, 1994, p. 186).



no magistério da Igreja. (cf. CODINA, 1994 pp. 210-212). Seguindo Codina, é sobre esta terceira postura que nos apoiamos aqui.

Não se trata, pois, de voltar a difundir, a partir de fora ou de longe, a luz do evangelho, como uma espécie de “farol de Colombo” de Santo Domingo, que é o que a Igreja fez durante o Segundo Milênio (postura de Neo Cristandade), nem basta oferecer uma adaptação já feita por seus agentes (postura da pastoral inculturada), mas o que é necessário é uma inserção em cada cultura para que, como o grão de trigo que morre e nasce, cada comunidade possa fazer crescer o evangelho desde seu próprio seio cultural. Não basta evangelizar as culturas e encarnar-se nelas; é necessário evangelizar a partir das culturas, desde as sementes do Verbo que o Espírito depositou nelas. (CODINA, 1994, p. 212)

Evangelizar a partir das culturas é o caminho mais favorável para que o evangelho penetre na vida do povo e a partir daí possa gerar novos frutos. É desta forma que a sensibilidade humana e pastoral pode nos levar a captar os símbolos, as parábolas, as situações que permitam evangelizar a partir da cultura do povo. Isso vai exigir um grau maior de sensibilidade pastoral, de escuta, um “sentir com o povo” sua situação, suas dores alegrias e esperanças. E, a partir de seu universo de compreensão, de sua realidade e de sua fé, encontrar novos meios de anúncio do Evangelho. É o que pode ser visto no alerta abaixo sobre o uso da linguagem simbólica:

Não é uma mera ilustração: é um instrumento que deve ser devidamente trabalhado para ter efeito formativo. O educador deve ter muito reflexo para não perder nenhum ‘lance’. Deve ser discreto e ter claro que a linguagem popular não é uma linguagem pronta. É uma linguagem que está sendo sempre enriquecida. Os símbolos e comparações têm conotações locais e regionais. São vivos. O povo vai se apropriando destes símbolos e comparações fazendo deles um referencial de suas conversas e de suas vidas. Têm neles uma maneira apocalíptica de expressar a realidade. (RESENDE, 1997, p. 36).

Infelizmente, a prática catequética, homilética, bem como os cursos de formação para os cristãos de nossas comunidades, não raro ignoram a força e a importância da linguagem simbólica. As várias iniciativas de formação não têm produzido um efetivo engajamento eclesial e sócio político. Prova isso a grande distância entre os ensinamentos da Igreja e a prática efetiva dos cristãos. Os que se destacam nos cursos de formação ou tem mais oportunidades de aprofundamentos, às vezes se distanciam dos mais simples e humildes, constituindo uma espécie de “elite clerical”, às vezes, mais autoritária que muitos clérigos.

É preciso uma reconfiguração dos serviços de formação pastoral e catequética. A atitude do evangelizador não é propriamente a de quem ensina, mas daquele que ajuda a descobrir. Trata-se de uma forma de “maiêutica evangélica” a partir dos elementos da vida cotidiana do povo. Neste sentido, é preciso recuperar a força da leitura popular da bíblia por



meio de uma linguagem mais simbólica e próxima do universo de compressão do povo. Os Grupos de Reflexão e os Círculos Bíblicos são um caminho importante para a inculturação da Palavra de Deus no meio do povo. Trata-se de um caminho para que a comunidade local torne-se protagonista da evangelização. Apesar do incentivo para uma animação bíblica de toda a pastoral, presente como uma das cinco urgências na ação evangelizadora da Igreja do Brasil,⁵ os resultados práticos são ainda incipientes. A força e o poder de penetração da leitura popular da Bíblia tem sido subestimada na prática pastoral ou deixada de lado por conflitos de linha eclesial. Para um avanço na evangelização é preciso uma sensibilidade maior que favoreça a aproximação da Palavra de Deus, aos mais pobres e sofredores por meio de sua cultura e favoreça o fortalecimento da Igreja dos pobres.

A Igreja dos pobres

O uso da linguagem simbólica permite com que os pobres, muitas das vezes privados da oportunidade de estudar, com pouca ou nenhuma formação escolar, possam também apoderar-se da Palavra de Deus, encontrar nela o sentido de sua vida e de sua esperança. Apesar do pouco ou nenhum acesso aos cursos de teologia e até pouco conhecimento da Palavra de Deus, os pobres possuem uma conaturalidade com os valores do Evangelho e uma espiritualidade enraizada na vida. Neles age o Espírito do Senhor que os faz possuidores de um verdadeiro “sensus fidei”. Neste sentido Codina aponta os novos lugares teológicos onde o Espírito atua e transforma a comunidade local em protagonista da inculturação do Evangelho.

O Espírito de Pentecostes está de novo presente e se atualiza nos novos lugares teológicos: terra, mulher, Maria, festa, rito, mundo indígena e afro americano. Desde estas raízes profundas pode-se estabelecer um diálogo com outras culturas e com a cultura moderna. Porém, é a comunidade local a que se converte em sujeito desta inculturação do evangelho e desta abertura às culturas.” (CODINA, 1994, p. 214).

Com a aproximação operada por meio do elemento simbólico, os pobres com maior autonomia e espontaneidade, tornam-se agentes e anunciadores da Palavra. Vemos cristãos simples, com baixa escolaridade, evangelizando outros, pois a palavra, captada por meio do símbolo frente à realidade da vida, desperta algo novo no meio do povo das comunidades cristãs. Isto não indica uma superficialidade ou abandono da reflexão crítica, séria e

⁵ As duas últimas Diretrizes de Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2011 a 2015 e 2015 a 2019) trazem como urgência pastoral a “Igreja como lugar de animação bíblica da vida e da Pastoral) (cf. CNBB Doc. 94 e 102).



fundamentada. Antes, em uma mútua implicação, significa apontar para a profundidade das coisas simples e da forma de tratar com simplicidade as questões mais profundas, o que só se faz possível por meio da linguagem simbólica.

Conclusão

É preciso valorizar sempre mais essa dimensão simbólica em nossas comunidades. Além de favorecer um maior sentido à vida e à existência, a linguagem simbólica favorece um maior e mais efetivo protagonismo dos cristãos. Favorece ao crescimento pessoal e à maturidade na fé e a uma ação evangelizadora mais participativa e mais consciente e, devido a isso, capaz até de colaborar para diminuir na Igreja o reforço do clericalismo (cf. LIBANIO, 2003, p. 217). Uma maior sensibilidade pastoral para o mundo simbólico, nos levará a uma presença mais atenta à vida e à realidade concreta do povo, conduzirá a uma Igreja mais próxima das pessoas, mais humana e solidária. O cultivo do belo, do artístico, do musical, pode aguçar em nós, nos agentes de pastoral, nos pastores uma maior atenção símbolos e por sua vez abrirá caminhos para melhor avançar no serviço de evangelização.

Cabe a nós desenvolver essa sensibilidade simbólica em todos os âmbitos de evangelização: nas celebrações, homilias, cursos, encontros de formação, catequese, círculos bíblicos e grupos de reflexão, nos materiais produzidos, etc. Pois, a dimensão simbólica é o caminho privilegiado para a evangelização. Foi o caminho trilhado por Jesus que, constantemente, nos recorda: “Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isto foi do teu agrado.” (Lc 10,21).

Referências

- CODINA, Victor. Por uma teologia mais simbólica e popular. *Perspectiva Teológica* (18) 1986 p. 149-173.
- _____. *Creo en el Espíritu Santo: Pneumatología Narrativa*. Maliaño: Sal Terrae, 1994.
- _____. *Sueños de un viejo teólogo: Una Iglesia en camino*. Bilbao: Mensajero, 2017.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.
- LIBANIO, João Batista. *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARDONES, José Maria. *La vida del símbolo: la dimensión simbólica de la religión*, Santander: Sal Terrae, 2003.



MEDC – Movimento de Evangelização da Diocese de Caratinga. *Abraão e Sara em Parábolas*, Manhumirim: O lutador, 1993.

RESENDE, João da Silva. A linguagem de uma formação popular. In: ÂNGELO, Durval. *Caderno de Formação Política*. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. p. 35-36.